

# DESVENDANDO O DISCURSO DE BRÁS CUBAS EM “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”

**Alberto Felix Ricotta de Oliveira<sup>1</sup>, Marco Antonio Villarta-Neder<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>UNIVAP/Faculdade de Educação, Endereço – Chácara São José R. Poncãs, 715, CEP 12227-550 São José dos Campos/SP, e-mail: tartarugoninja@bol.com.br

<sup>2</sup>UNIVAP/Faculdade de Educação, Endereço – Jardim Aquarius R. Tertuliano Delphim Junior, 181 CEP 12246-080, São José dos Campos/SP, E-mail: marcovn@univap.br

**Resumo-** O presente artigo mostra com uso da análise do discurso de linha francesa o interdiscurso entre os textos de Brás Cubas e Quincas Borba na obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis. O objetivo é salvaguardar a imagem de Quincas perante o mundo leitor caracterizando-a não só como de um louco, mas como um personagem que influenciou sobremaneira o discurso de toda obra póstuma de Brás Cubas com a filosofia daquele: o Humanitismo. Concebeu-se a idéia de um artigo sobre esse tema a explanação de professora de literatura de faculdade sobre o personagem Quincas Borba: “Como um personagem louco (Quincas) pode ter influenciado o defunto-autor (Brás) em memórias tão mordazes?” É o que se mostrará no artigo.

**Palavras-chave:** Discurso, interdiscurso, loucura, literatura.

**Área do Conhecimento:** Letras, lingüística e artes.

## Introdução

A idéia desse artigo surgiu a partir de um seminário sobre a obra de Machado de Assis “Memórias Póstumas de Brás Cubas” na disciplina de literatura brasileira em sala de aula da UNIVAP, na qual a professora discordou da proposta dos alunos feitos do seminário de que Quincas Borba era realmente além de demente, um grande idealizador que influenciou Brás Cubas com o Humanitismo, filosofia da qual fazia-se Brás discípulo de Quincas.

Pela análise feita nesse artigo procura-se provar que Brás era legítimo conhecedor e usuário dos pensamentos de Quincas, os quais foram àquele apreendidos em vida e usados principalmente na formulação das Memórias após a morte de Brás como defunto-autor.

Poder resguardar a personagem Quincas Borba da alcunha dada pela professora de louco e por tal não possuidor de qualquer sabedoria que se possa ter usado seu discípulo Brás Cubas, exemplo que estende o estigma da loucura à personagens literários.

O objetivo é mostrar que Brás Cubas está “mergulhado” enquanto escreve como defunto-autor no Humanitismo de Quincas pelo qual Brás tinha jurado: “-Juras por Humanitas? Perguntou-me (Quincas); – Sabes que sim.” (ASSIS, 1978, 144). Provar que o interdiscurso entre Brás e Quincas ocorre através da filosofia: “Humanitismo” e da relação mestre (Quincas) – discípulo (Brás) entre eles: uma formação discursiva, portanto.

## Materiais e Métodos

Utilizou-se da Análise do Discurso de linha francesa o seu conceito de discurso (estância da linguagem onde há interação e intencionalidade, não podendo ser essa linguagem desconsiderada das suas condições de produção), interdiscurso (“espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (BRANDÃO, 1990, 72)) e formação imaginária (“lugares que o destinatador e o destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (BRANDÃO, 1990, 36)) para “desnudar”, colocar a mostra no discurso de Brás o de Quincas, particularmente a filosofia por este criada: o Humanitismo. São discursos que dialogam numa mesma formação discursiva (o que “determina a seus falantes o que deve e pode ser dito buscando uma homogeneidade discursiva”) (BRANDÃO, 1990, 40). O conceito de interdiscurso de Courtine e Maradin (1981) oferece forte ferramenta para “destrinchar” o discurso de Quincas no de Brás: “consistindo de um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é conduzida a incorporar elementos preconstruídos produzidos no exterior dela própria, a produzir sua redefinição e seu retorno, a suscitar a lembrança de seus próprios elementos, a organizar sua repetição, mas também a provocar eventualmente seu apagamento, esquecimento ou mesmo denegação” (BRANDÃO, 1990, 74).

O conceito de formação imaginária servira para explicar as posições discursivas de Quincas e de Brás, a loucura de um e o ser discípulo de outro.

## Discussão

Na obra de Machado de Assis “Memórias Póstumas de Brás Cubas” o protagonista Brás Cubas conta a sua história do sepulcro como defunto-autor “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia” (ASSIS, 1978, 12) melancolia esta que não lhe fora tirada pelo seu mestre Quincas Borba com o Humanitismo “sistema de filosofia destinado a arruinar todos os demais sistemas” (ASSIS, 1978, 118).

O discurso de Brás Cubas morto incorpora elementos do discurso de Quincas Borba; contamos o narrador Brás Cubas o que seu mestre Quincas Borba àquele explica: “... a vida é o maior benefício do universo, e não há mendigo que não prefira a miséria à morte (...) verdadeiramente há só uma desgraça: é não nascer.” (ASSIS, 1978, 118). Enquanto que Brás Cubas retrata os elementos “vida” e “miseria” com sua melancolia de modo a contestar o Humanitismo de Quincas Borba, mas retornando a ele, diz Brás: “-Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.” (ASSIS, 1978, 144); comparando Brás vida e miséria, miséria esta que monetariamente Brás nunca experimentara ao contrário de Quincas: “essa figura esquelética, ... esse maltrapilho avelhantado, que toda essa ruína fosse o Quincas Borba.” (ASSIS, 1978, 74) e da qual, miséria, Quincas tira sua filosofia, diz este a Brás Cubas : “- Não vá sem eu lhe ensinar a minha filosofia da miséria...” (ASSIS, 1978, 75); e Brás cuida que “o pobre diabo estivesse doido...” (ASSIS, 1978, 75), por não conseguir enxergar como alguém pudesse aprender sabedoria da miséria, como não enxerga sua miséria existencial como fonte de filosofia, para Brás miséria material (de Quincas) ou sua miséria existencial não são elementos que possam ser usados para algo além delas mesmas, usados para algo benéfico, uma filosofia.

O efeito de sentido que o discurso de Quincas provoca no de Brás é o de que da miséria para Brás não se poderia fazer nascer nenhuma filosofia, o que discorda o texto páginas depois podendo ser nova incorporação do discurso de Quincas por Brás no capítulo “ O Estrume”: “... o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã.” (ASSIS, 1978, 89), é o aceite por Brás de que da miséria (vício) possa-se nascer uma grande filosofia (virtude).

Houve uma reconfiguração do discurso de Quincas Borba pelo de Brás Cubas na qual o discurso de Brás é conduzido. Esse efeito pode ser percebido também no trecho do livro onde Brás fala do seu cunhado Cotrim: “Argüiam no de avareza, e cuida que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as

virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o déficit.” (ASSIS, 1978, 123).

Como Quincas demonstra a Brás “o seu sistema era a destruição da dor. A dor, segundo o Humanitismo, é uma pura ilusão”. (ASSIS, 1978, 119) e depois recoloca em sua morte: “Morreu pouco tempo depois, em minha casa, jurando e repetindo sempre que a dor era uma ilusão...” (ASSIS, 1978, 144) possa vir desse discurso a idéia do “Emplasto Brás Cubas anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade.” (ASSIS, 1978, 14), melancolia da qual sofria Brás, o discurso deste suscita lembrança (memória discursiva) dos elementos daquele: a dor é ilusão, um emplasto contra melancolia (estado mórbido de tristeza e depressão; dor da alma); não existiria dor mais ilusória que a da alma. O discurso de Brás parece apagar o de Quincas, mas o denega afirmando que a melancólica humanidade não passa de hipocondria, ou seja, ilusão da mente.

Outra passagem da obra revela a semi-demência de Quincas Borba e são também incorporados seus elementos pelo discurso de Brás Cubas, a exemplo do que nos diz Quincas: “Contempla a inveja (...) Se entendeste bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos belicosos são os mais adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude.” (ASSIS, 1978, 119). Em Brás se acha esse elemento de reviravolta nos valores sociais no capítulo “A Solda”:

“(...) a opinião é uma boa solda das instituições domésticas (...) Alguns metafísicos biliosos têm chegado ao extremo de a darem como simples produto da gente chocha e medíocre; mas é evidente que, ainda quando um conceito tão extremado não trouxesse em si mesmo a resposta, bastava considerar os efeitos salutares da opinião, para concluir que ela é a obra superfina da flor dos homens, a saber, do maior número” (ASSIS, 1978, 116).

Os dois personagens entorcem os valores sociais estabelecidos para provar, como para transparecer os nervos da sociedade, que como uma coisa pode ser má, um vício, se resulta num bem.

Vê-se pelo livro todo que o discurso do defunto Brás Cubas está permeado pelo discurso de Quincas Borba ao se expor o Humanitismo, filosofia deste. A formação discursiva construída da miséria monetária de Quincas Borba, da sua luta para sobreviver a esta, dos seus ardis como roubar, tiveram que achar eco no seu espírito, foi assim se formando a filosofia que saiu da miséria: o Humanitismo, maneira de explicar sua situação sem tirar a este o prazer de ser grande, como quando Quincas Borba era criança abastada e

queria ser sempre rei nas brincadeiras. A esta Formação discursiva conduz-se Brás Cubas na feição do seu livro *post mortem*, visto que Brás também não aceita ficar por baixo, julga, identifica, dá motivos e razões para não parecer ridícula a sua vida a si próprio e aos outros (leitores) depois de morto.

O discurso da loucura de Quincas Borba pode ser caracterizado como o jogo de imagens: o eu do Quincas tem uma imagem do outro como um ser que luta com todas as forças e inteligência para sobreviver, essa luta é a dádiva da vida, ser reles em sentimentos e ações nessa luta é admirável porque se esta sobrevivendo, sobressaindo aos outros. A imagem que o eu de Quincas tem de si mesmo é a de que ele deve iluminar as pessoas com a sua filosofia (Humanitismo), ser salvador delas, uma imagem megalomaniaca, portanto. A sua loucura reside portanto num viés de que tudo é válido para se viver, mesmo distorcendo valores morais consagrados na sociedade a séculos pela ética e religiões: como aplaudir a inveja e a atitude sovina de não gastar dinheiro pra quase nada de Cotrim; e reside também a loucura daquele em ele se achar um tipo de salvador das pessoas com isso, ensurdece a voz do outro e faz do seu próprio eu um espelho que apenas reproduz a sua face.

A imagem que o outro faz dele é de um alienado e a imagem que o outro faz de si, sendo esse outro Brás Cubas, é de precisar de um “Norte”, limites, valores morais, um impulso para pegar gosto à vida: casar, trabalhar, ter filhos, e esse impulso veio com o Humanitismo que depois da morte de Brás fê-lo escrever suas memórias “encharcada” dessa filosofia.

## Considerações Finais

Como proposto teve-se o objetivo alcançado de mostrar como as memórias de Brás são formadas através do interdiscurso entre ele e Quincas com sua filosofia, e das formações imaginárias deles: mestre – discípulo.

Da mesma forma que da miséria material de Quincas fez-se uma filosofia: O Humanitismo, da de Brás, miséria existencial: não teve emprego, nem casou-se e nem teve filhos; fez-se suas memórias. É como o diploma de discípulo de Quincas para Brás a feição das memórias, “mergulhadas” portanto no pensamento do mestre Quincas: “ a dor era ilusão” (ASSIS, 1978, 144), Brás poderia escrever o que pretendia por isso e por estar morto.

Acontecimento mais fantástico: a filosofia de um semi-demente gera num morto a vontade de escrever suas memórias, ele próprio, do sepulcro a fim de fazer a biopsia da sociedade viciosa para lhe fazer galhofa e mostrar-lhe os sentimentos do

autor para com ela: melancolia-dor da alma: pura ilusão.

## Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 7 Ed. São Paulo: Ática, 1978.

BRANDÃO, Helena H Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2 reimpressão da 7 edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp. [1990].